**“CADA UM SABE O SEU LUGAR NO RIO DE JANEIRO”: UMA ENTREVISTA COM JULIA O’DONNELL**

“ONE KNOWS ITS OWN PLACE IN RIO DE JANEIRO”: AN INTERVIEW WITH JULIA O’DONNELL

*Entrevista realizada por Caio Barros e Íria Borges\**

Nascida na cidade de São Paulo, Julia O’Donnell se formou em História pela USP, mas viu que a “sua praia” era mesmo a antropologia. Em entrevista concedida à Revista Habitus, a professora do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS) da UFRJ conta como foi a sua formação, a sua interessante (e árdua) tarefa de realizar etnografias sobre o passado (que sempre se remetem ao presente) e traça perspectivas futuras para a antropologia urbana do Rio de Janeiro. A jovem e talentosa antropóloga já conta com dois livros publicados, que são frutos de suas pesquisas de mestrado e doutorado: “De olho na Rua – o Rio de João do Rio”, publicado em 2008; e “ A invenção de Copacabana – culturas e estilos de vida no Rio de Janeiro (1890-1940)”, publicado em 2013.

Esta entrevista nos foi concedida presencialmente, nas dependências do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ, em Junho de 2015

\* \* \*

**Revista Habitus:** *A primeira pergunta é aquela usual: qual é a sua formação acadêmica? Como foi a sua graduação, mestrado e doutorado?*

**Julia O’Donnell:** Minha formação foi a seguinte: eu comecei fazendo Ciências Sociais na USP, pois eu sou de São Paulo. Aí eu achei chato, não sei por que, mas achei chato. Não gostei do curso. Não sei por que se eu era nova... Enfim, achei chato. E aí eu resolvi mudar para História, fiz outro vestibular pra História. E eu gostei mais do curso de História. Eu não sei bem por que. Talvez por que eu estivesse um ano mais velha, e já havia passado aquele desencantamento inicial com a universidade - tem o encantamento e o desencantamento, não é? Primeiro eu comecei a pesquisar História Contemporânea, Ditadura Militar; mas então no final do curso - sempre gostei muito de literatura, sempre me interessei muito pela cidade, estudos de cidade -, eu fiz um curso que se chamava História do Cotidiano, com a professora Laura de Melo e Souza. E aí me abriu outro mundo: um mundo de autores que dialogavam com a Antropologia, uma outra forma de fazer História, que até então, na graduação, eu não tinha encontrado. Não sei dizer como está a graduação na USP hoje, mas naquela época que eu entrei em 1999/2000 (2000 eu entrei em História), era uma formação um pouco ortodoxa. E a USP também não tem essa tradição de estimular: de fazer matérias em outros departamentos, de abrir disciplinas; não tem esse estímulo da interdisciplinaridade... Pelo menos naquele momento. E aí a aula da Laura realmente me abriu um mundo que eu não conhecia de autores que transitavam, que viam a História por outro lado, por outros caminhos. E o flerte com a Antropologia era uma das marcas dessa história que começou a me encantar. Estimulada por isso, no semestre seguinte, a professora Lília Schwarcz, da Antropologia, ofereceu o curso chamado “Antropologia e História”, e eu fui fazer e “ralei” muito porque era para alunos da Antropologia, que já tinha lido os clássicos. E eu nunca tinha lido Malinowski, nada disso, nem Lévi-Strauss; e eu “ralei” muito... Fui muito mal no trabalho final porque eu não tinha ainda muito conhecimento sobre teoria antropológica. Mas eu amei, amei aquele diálogo, fiquei com vontade de fazer aquilo da vida.

Então, nesse momento eu já estava super interessada em estudar o final do século XIX, início do século XX no Rio de Janeiro. Já tinha feito um trabalho final que era pensar um pouco o processo de urbanização do Rio através da obra de Machado de Assis. Mas minha ideia não era ir para Antropologia. Minha ideia era continuar na História; mas fazer uma História diferente, uma História que, naquele momento, ficava claro para mim que a Antropologia me ajudava. Então minha ideia era recorrer à Antropologia para virar uma historiadora melhor. Em nenhum momento tinha me ocorrido virar antropóloga. Mas aí nesse momento eu já estava com uma bolsa de Iniciação Científica, lá em São Paulo mesmo, na pesquisa de um professor aqui do Rio, Celso Castro do CPDOC, que é antropólogo. Então tinha esse diálogo, apesar da pesquisa ser em História - eu estava trabalhando com antimilitarismo operário no início do século XX -, a pesquisa era interessante, mas não era a área que eu queria seguir. E eu tinha muita vontade de morar no Rio, eu sempre gostei muito do Rio de Janeiro. Então o meu plano era acabar a graduação e vir pra cá. Aí o Celso me ofereceu - quando acabei a graduação - uma bolsa de assistente de pesquisa, que era um trabalho presencial no CPDOC. Então eu fui trabalhar com ele, já aqui no Rio de Janeiro. Enquanto isso, o meu plano inicial era fazer a prova de mestrado em História na UFF, e se passasse, ficaria no Rio; se não, depois de seis meses eu voltaria para São Paulo.

Não é nada nobre a história que eu vou contar, mas foi assim que aconteceu. A prova do Museu Nacional era antes da prova da UFF, e eu já estava gostando da Antropologia. O Celso me estimulou a fazer e minha ideia era: "Bom, eu vou, faço a prova porque eu nunca fiz uma prova de mestrado; então eu vou estudar pra ela, não vou fazer de qualquer jeito, vou estudar, mas o meu foco é no fim do ano a prova da UFF". Aí eu fiz, passei e aí fiquei com vontade também... Já passei, não vou fazer outra prova, entrei num lugar legal", enfim. Aí fui para o Museu Nacional, e lá eu encontrei o professor Gilberto Velho, que era uma pessoa super aberta à interdisciplinaridade, super atento aos diálogos com a História; uma pessoa erudita, muito generosa e muita acolhedora de uma antropologia heterodoxa. Ele não tinha uma ideia estreita do que é a Antropologia, pelo contrário; e eu fiz as matérias dele, me encantei, mas não abandonei aquela minha vontade inicial de fazer também História. E foi assim que eu dei continuidade àquela minha ideia inicial de estudar o Rio de Janeiro e literatura, que sempre foi uma coisa que eu gostei muito de trabalhar. Então eu fiz o meu mestrado sobre a urbanização do Rio no início do século XX através da obra do João do Rio. Enfim, o trabalho foi bem recebido, acabou virando livro, eu fiquei super contente. E no doutorado eu continuei com o Gilberto. Minha ideia inicial era dar continuidade ao trabalho do mestrado só que com outros autores, e aí eu comecei a pesquisar. E no meio do terceiro ano do doutorado eu comecei a perceber que Copacabana era um elemento essencial para entender o que estava acontecendo no Rio dos anos 20.

**Revista Habitus:** *Mas como surgiu esse interesse na pesquisa por Copacabana?*

**Julia O’Donnell:** Eu estava pesquisando sobre o Rio dos anos 20, que era o meu objetivo. A década de 1920 é um momento muito importante, porque é o momento que tem o *boom* das favelas; ele é urbanisticamente, culturalmente e socialmente interessante. A cidade começa a ser pensada como fonte de problemas. No início do século existia aquele encantamento com a vida urbana, de que a cidade é a civilização, a *belle époque*, Pereira Passos. E nos anos 1920 começa a ficar claro que a cidade tem uma série de problemas. Então convidam o Alfred Agache, que era um urbanista francês, para fazer um grande plano urbanístico para a cidade. E começa a acontecer nesse momento a expansão para essa região que hoje a gente chama de Zona Sul, e também a consolidação da Zona Norte e do subúrbio como uma área da classe trabalhadora, de camadas mais pobres da população. Então eu comecei a perceber que a década de 20 do século XX era um momento interessante, e resolvi estudar esse período a partir da literatura. Só que eu comecei a perceber que grande parte da literatura começava a remeter, cada vez mais frequentemente, à Copacabana como uma marca desse Rio novo, desse Rio que surgia daquela conjuntura. E Copacabana foi ganhando cada vez mais espaço na minha pesquisa. Aí foi num desses acasos de pesquisa, que sempre acontecem...

Eu estava na Biblioteca Nacional passando o microfilme de um jornal qualquer, ainda um pouco sem foco, sem saber para onde ir, no meio do terceiro ano de doutorado. Foi quando eu parei para tomar um café, tomar um ar, e na mesa ao lado da minha uma pessoa saiu e deixou o microfilme aberto, e eu fui olhar. Eu vi um jornal no microfilme do vizinho: “Beira-Mar - o jornal de Copacabana”. Esperei ele devolver o microfilme, peguei e fiquei encantada: era um jornal que começou a ser publicado em 1922, feito pelos moradores de Copacabana e que dialogava muito com aquilo que eu vinha vendo na literatura sobre o bairro, nas crônicas, nos romances. Eu estava lendo muito Benjamin Costallat Filho, que é um autor pouco conhecido hoje, mas que falava muito desse Rio moderno da década de 1920. Era uma literatura bem popular mesmo, bem conhecida.

**Revista Habitus*:*** *E como foi fazer uma etnografia do século passado, com essa questão do texto como campo?*

**Julia O’Donnell:** Isso foi um desafio. Eu tinha um orientador que sempre me acolheu, que nunca achou que fazer etnografia é só colocar o colete e ir para uma tribo indígena, pelo contrário; mas eu tinha muito essa preocupação, por vir da História, de provar que aquilo que eu estava fazendo era uma etnografia. Eu comecei a ler muito. Tem alguns trabalhos - não muitos - que fazem essa reflexão sobre a Antropologia não como uma técnica, com procedimentos específicos, mas como uma forma de olhar, como uma forma de buscar novos diálogos. Tem uma frase do Robert Darnton, que é um autor que se aproximou muito de Clifford Geertz - que teve seu trabalho muito influenciado pela Antropologia *geertziana* - onde ele fala que esse olhar antropológico permite que a gente faça perguntas novas ao material antigo. E foi justamente isso que eu procurava fazer. Eu entendi estar fazendo uma etnografia porque eu olhava para aqueles documentos, para aqueles textos, buscando relações sociais, buscando traços culturais, buscando *ethos*, estilos de vida; era uma postura epistemológica diante do objeto, seja ele pessoa, diálogos, corporações, grupos ou textos. No meu mestrado principalmente eu procurei muito fazer essa discussão, pensando se o etnógrafo era o João do Rio ou era eu - por isso que eu falo que é uma etnografia dupla, porque é uma etnografia sobre uma forma de etnografia que ele estava fazendo também .Então eu acho que isso foi muito importante para mim.

No doutorado eu já estava um pouco mais segura de que eu podia falar que era antropóloga sem ser considerada uma total fraude. Eu tinha convicção do que estava fazendo era uma etnografia. Mas isso tem muito a ver com o meu orientador; a Fraya Frehse, do departamento de Sociologia da USP, tem um trabalho sobre etnografias de rua do passado que ela fez com fotografias; têm alguns trabalhos que me ajudaram. O próprio Robert Darnton e Geertz têm trabalhos interessantes a esse respeito, mas a orientação foi fundamental para isso também. Agora pela primeira vez eu estou com vontade de fazer etnografia com seres vivos, não com livros (risos). De ter a experiência de lidar com pessoas. Vamos ver como eu me saio. Agora estou fazendo uma pesquisa na Barra da Tijuca, uma etnografia nos moldes mais tradicionais.

**Revista Habitus:** *Fale um pouco como foi a situação – que serviu de estímulo para a sua pesquisa sobre Copacabana – de duas senhoras disputando uma vaga de estacionamento, onde uma delas diz : "Você não tem cacife para morar aqui!". E como isso foi uma ferramenta para você conseguir observar Copacabana a partir de um outro olhar?*

**Julia O’Donnell:** Houve dois movimentos que foram mais ou menos simultâneos: o fato de Copacabana ter crescido na pesquisa espontaneamente, com a descoberta do jornal Beira-Mar, que eu me encantei. Paralelamente, quando eu estava me mudando para o Rio, eu tinha 23 anos, ia morar sozinha, e eu tinha duas certezas: uma era que eu ia morar na Zona Sul porque como turista era o Rio de Janeiro que eu conhecia; e a segunda certeza era que eu não ia morar em Copacabana, porque Copacabana, para o turismo que eu fazia no Rio representava o fim. Era aquele caos, aquele lugar que não se mora, onde não se tem qualidade de vida. Acabei achando um apartamento no Bairro Peixoto, e eu gostava de dizer que não era em Copacabana, mas que eu morava no Bairro Peixoto - porque o Bairro Peixoto é um lugar muito específico, não parece Copacabana. Depois, com o tempo, eu fui me apaixonando por Copacabana e hoje em dia eu não moro mais lá, mas adoraria voltar a morar. Me apaixonei por Copacabana, pelas suas características tão próprias. E tinha o estranhamento de quem vem de fora, que é essa coisa tão marcada que é a Zona Sul e a Zona Norte. Eu venho de São Paulo, onde também existe segregação, mas de outra forma; não é tão espacialmente determinada: os bairros têm zonas mais pobres, zonas mais ricas. No entanto não se compara ao Rio, que é uma cidade que tem simbolicamente universos muito diferentes e uma cisão muito clara espacialmente marcada. E isso é uma coisa esquisita, acho que para todo mundo que vem de outro lugar. É muito marcante aqui no Rio - e é algo que eu nunca entendi bem.

E um dia eu vi essa discussão de duas vizinhas da minha rua. Eu estava na janela e ouvi elas brigando por uma vaga de estacionamento. Depois das duas terem gritado, uma delas fala que a outra devia voltar para o subúrbio, porque ela não tinha cacife para morar na Zona Sul. Eu fiquei com aquilo na cabeça, e foi bem nesse período da tese quando eu estava pesquisando, me interessando por Copacabana, e vi que existia uma eficácia simbólica naquela frase que era muito natural para quem convivia com aquilo. Mas tem um estranhamento que começou a me incomodar e se transformar numa vontade de entender.

**Revista Habitus:** *Isso parece ser a tarefa do antropólogo: de se deparar com uma situação considerada comum, uma frase que pode ser banal, e o antropólogo vai investigando até encontrar algo... Uma pesquisa como a sua que surgiu a partir de uma frase, de uma discussão, e que tem paralelismos históricos que você faz o tempo todo, construções sociais que foram sendo colocadas ao longo do tempo, ao longo da história de Copacabana e da cidade do Rio que é muito interessante. Você pega uma frase e dá relevância àquilo.*

**Julia O’Donnell:** Isso que eu achei legal, porque juntou duas coisas. Começou a ficar muito claro para mim a partir da documentação que Copacabana foi o primeiro movimento dessa tal Zona Sul. Então para entender esse Rio de Janeiro maluco, que realmente estar perto da praia é uma coisa de prestígio, e que para ser alguém na vida você precisa morar na Zona Sul, especificamente próximo à praia - quanto mais perto melhor -, e que é uma coisa natural entre os cariocas. E pela documentação que eu fui pesquisando, comecei a ver que era uma construção que chegava numa frase como aquela, com cisões simbólicas tão marcadas, tão fortes e tão naturalizadas. Foi realmente um diálogo do presente com o passado. O meu trabalho é sobre Copacabana, mas não por um apreço especial pelo bairro, e sim porque ficou nítido que para entender a Zona Sul do Rio de Janeiro, essa formação, essa desigualdade específica, essa estratificação social do espaço tão marcante desta cidade, eu tinha que entender o movimento de formação de Copacabana. E também para entender a invenção da Zona Sul do Rio, ou mais especificamente dessa ideia de que o Rio é uma cidade de praia, e que morar perto da praia é símbolo de status. Ou seja, é a invenção de Copacabana.

Mas tinha também uma preocupação. Se por um lado, quando eu era historiadora, minha preocupação era fazer uma História melhor a partir da Antropologia, que me permitia fazer novas perguntas ao material antigo, citando Darnton, eu comecei a perceber também que a História me ajudava a fazer uma Antropologia melhor a partir do momento que eu resolvi ser antropóloga. Porque a Antropologia historicamente tem uma dificuldade, certamente mais bem desenvolvida por alguns autores do que por outros, mas do meu ponto de vista - claro que esse ponto de vista está marcado pela minha formação de Historiadora -, que é lidar com a ideia de processo. Claro que não são todos os autores, repito, essa é uma discussão que vem desde os funcionalistas: como lidar com a História, com o tempo. Franz Boas trata disso, mas com uma reflexão diferente; isso passa a ser uma questão mais explícita com Malinowski, Radcliffe-Brown... Evans-Pritchard tenta recuperar a História, Lévi-Strauss também, mas não exatamente pensando na ideia de processo. Sempre valorizando o passado, busca de origem; no entanto, não uma etnografia do processo em si, era como se a História alimentasse um presente etnográfico, não como se um processo em si fosse objeto de etnografia...

**Revista Habitus:** *A História como motor da etnografia, e não o contrário?*

**Julia O’Donnell:** Exatamente. Não só o momento, mas o movimento. Isso é uma coisa que eu acho que a Antropologia ainda pode se beneficiar muito da História - e eu queria fazer exatamente isso: etnografia de um processo. Então tem essa questão que é do objeto, do interesse inicial de querer entender como isso chegou a ser aquilo. E aí me levava necessariamente ao desafio - que não acho que resolvi -, e é um desafio que por enquanto me mobiliza, é o que me interessa, o que me faz olhar para os objetos - agora o meu trabalho na Barra continua sendo em função disso -, eu quero entender um processo de formação de um novo bairro que é a Barra Olímpica. Então tem essa questão, um desafio epistemológico mesmo, que é pensar uma Antropologia que parte da constatação de que processo é importante para entender as coisas.

**Revista Habitus:** *Um século atrás se falava de um projeto “praiano-civilizatório”. E com todas essas reformas na cidade do Rio de Janeiro ultimamente, o que você diria sobre o que mudou e o que não mudou no discurso e nas práticas na cidade?*

**Julia O’Donnell:** Eu acho que mudou muito pouco porque - claro que existem movimentos, não são todas as pessoas -, mas se a gente pegar um discurso hegemônico, o que a gente vê na mídia é que a Zona Sul ainda tem status muito diferenciado dentro do mapa simbólico dessa cidade. Vimos recentemente essas medidas da prefeitura de fazer revista aos ônibus; ônibus que vêm da Zona Norte, revistando pessoas que vão à praia na Zona Sul. Isso é um duplo movimento: primeiro de preservar quem está na praia, porque tem o direito de ser preservado; e por outro lado, de estigmatizar de quem vem do outro lado da cidade, que não seriam "civilizados".

**Revista Habitus:** *Em uma matéria publicada pelo jornal “O Globo” em novembro de 2013 que tratava sobre os assaltos e “arrastões” nas praias do Rio de Janeiro, um morador de Copacabana concedeu a seguinte entrevista: "Agora no fim de semana procuro ir à cachoeira do Horto ou fazer churrasco com amigos. Essas gangues que vem de fora não se intimidam sequer com a presença da polícia. Pagamos um IPTU alto e nos finais de semana não podemos usufruir da praia".*

*Como se dá essa construção social da praia como um espaço fechado e exclusivista, uma espécie de “área VIP”, de fechar a praia com um determinado círculo social e cercear a entrada de outros? Teve até a situação de fecharem uma parte da praia...*

**Julia O’Donnell:** ...Sim, ali no Arpoador, e cobravam entrada. E é muito interessante porque a praia ainda é esse lugar do status e dentro da praia tem uma coisa que me chama bastante a atenção, e que tenho planos para uma proxima pesquisa - é uma pesquisa sobre piscinão de Ramos, que é uma praia que também é usada, mas é outra praia, outro tipo, e isso eu ainda quero entender.  Mas no próprio Rio de Janeiro tem uma coisa muito interessante que é muito marcante, e que foi uma das coisas também me fez interessar pela pesquisa. Quando você chega aqui, você precisa decidir em “qual praia ir”, “qual é o seu lugar na praia” e isso me despertava bastante interesse porque eu morava em Copacabana, então o natural para mim era ir à praia em Copacabana, mas todo mundo me chamava para ir a Ipanema, ou no Leme. Copacabana havia um consenso na ordem tácita... Então comecei a perguntar para as pessoas, antropologicamente -e como moradora- do por que não ir aqui à praia em Copacabana. E as pessoas me respondiam dizendo: “Ah, não! A praia é suja." Bom, achei o argumento razoável: o mar é sujo. E comecei a acompanhar, por curiosidade, os boletins do INEA sobre a qualidade da água. E na grande maioria dos dias a praia de Copacabana estava mais limpa do que Ipanema e Leblon; sistematicamente mais limpa. Então comecei a perceber que essa "sujeira" não era a água, e sim uma "poluição social" que acaba sendo transferida para o meio ambiente. Então se constata que a praia de Copacabana “é suja”. Por que é suja? Porque, claro, é frequentada por pessoas de classe mais baixa do que em Ipanema e no Leblon; porque é uma praia mais cheia; enfim, porque o metrô só chegava até a estação Siqueira Campos. Então as pessoas de outros bairros - "dos sem cacife" – iam para Copacabana e não para Ipanema, pois elas teriam de pegar outro ônibus. Claro, mais longe, mais caro. Então começou a ficar muito evidente para mim essa demarcação do espaço através de critérios sociais - que repito, existe em qualquer lugar, mas aqui no Rio a praia evidencia muito isso, tanto em termos de moradia: o morar perto da praia -, como em termos do uso do espaço da areia.

**Revista Habitus:** *O carioca da Zona Sul possui em seu discurso um tom de democracia, como se no Rio de Janeiro o pobre convivesse ao lado do rico sem menores problemas, sem tensões sociais. A praia então é só uma representação do que é essa cidade, da sua construção histórica pautada em remoções, dessa segregação bem marcada de espaço, de classe e de cor (principalmente)?*

**Julia O’Donnell:** Sim, é essa ideia de que a praia é democrática e que vai todo mundo. Mas é claro, alguns são revistados e outros não; têm regiões da praia de Copacabana que algumas pessoas não vão porque é “sujo” - sujo do quê não se sabe, mas é “sujo” - e tem muito disso, é impressionante. A Avenida Atlântica, o discurso do IPTU mais caro é um argumento que vai se repetindo desde o início do século: "nós pagamos impostos mais altos". Os moradores querem ter o serviço, querem a feira mas reclamam da bagunça que os feirantes fazem. Uma crônica do João da Praia de 1923, com certeza inspirado no João do Rio, coloca que a praia já começa a ser cenário na cidade, a fazer parte do mapa simbólico dessa cidade, algo que não estava presente a uma década antes. Então João da Praia produz um discurso de: "A gente não quer que o nosso bairro se transforme num subúrbio da Leopoldina. Isso aqui não é o bairro da Saúde". É interessante que também nesse movimento acusatório sobre o que seria o subúrbio da Leopoldina, Saúde ou "cacife do subúrbio", vão se construindo os opositores simbólicos, e é assim que se constrói a identidade.

Na Antropologia a gente sabe que as identidades são situacionais, e que elas se contrastam. Por contraste a quem a Zona Sul é elegante? E aí tem o trabalho clássico do Gilberto Velho – “A Utopia Urbana” - que obviamente foi uma inspiração enorme para o meu trabalho - e que ele trata de um momento dos anos 1960 em que Copacabana começa a sofrer a massificação, a construção de inúmeros prédios de quarto - sala e de conjugado, e começa de fato a ser ocupado por moradores vindos de outros bairros, que preferiam morar em um conjugado minúsculo com vista para o banheiro do vizinho do que numa casa com quintal no subúrbio. Então isso também uma inspiração muito grande para mim, porque o Gilberto pega esse momento da década de 1960 que explica a Copacabana de hoje, e aí a minha constatação era: “Tudo bem, o Gilberto chegou aqui, que é fundamental, maravilhoso”. Mas eu queria entender como se chegou àquele momento que o Gilberto identificou, que ele etnografou também. A inspiração era entender a construção daquele mundo.

Nos anos 1930 os jornais tratam Copacabana como um paraíso na terra, o lugar mais elegante do mundo. E em 1975 numa manchete do Jornal do Brasil encontramos: “Copacabana: a favela de luxo”. Então em um espaço de 40 anos -que é muito pouco tempo- ocorre essa transformação.

Voltando a sua pergunta, o Rio de hoje tem muito disso. O processo que estou pesquisando agora na Barra é exatamente isso, uma região que é conhecida como Curicica, que é um bairro historicamente identificado por ter muitas pequenas favelas, de classes baixas, classes médias-baixas e pobres, e agora com os Jogos Olímpicos de 2016 o mercado imobiliário escolheu um pedaço de Curicica para chamar de “Barra Olímpica”. Então pessoas que moram absolutamente longe da praia começa a comprar apartamentos nos condomínios chamados “Verde Mar” ou “*Shandin Hills*”; vários nomes que remetem ao mundo praiano. E essas pessoas compram um apartamento que é vendido como se fosse localizado na Barra da Tijuca, mas no IPTU vemos que os nomes dos bairros são Curicica ou Jacarepaguá. Agora tem um projeto de lei, do vereador Carlos Caiado que entrevistei recentemente, que quer mudar oficialmente o nome daquele lugar para Barra Olímpica, e claramente isso tem um componente simbólico muito forte. Apesar de estar longíssimo daquilo que a gente conhece como Barra da Tijuca, a pessoa se muda pra lá e quer ser legitimamente, formalmente, oficialmente, aceita como moradora da Barra da Tijuca. O processo de transformação que a gente vem vivendo que parte disso: remoções, especulação imobiliária.

**Revista Habitus:** *Copacabana, Ipanema e Leblon foram bairros construídos a partir de um planejamento prévio. Já nos anos 1960 e 1970 há uma ida para Zona Oeste, para a Barra da Tijuca principalmente, seguindo a faixa costeira. Você considera que esse tipo de planejamento urbano – “projetado”, digamos assim-, como foi a Barra da Tijuca, parece ter encontrado o seu fim no bairro do Recreio? Esse tipo de planejamento urbano está esgotado? São as desapropriações, as valorizações de bairro antes considerados decadentes, como a Zona Portuária e o Centro da cidade, a “solução” encontrada pelo mercado imobiliário e pelo poder público?*

**Julia O’Donnell:** Eu acho que sim. Claro, tem tido muitos movimentos de resistência com vitórias importantes. Mas é muito interessante porque é um modelo que se repete. O modelo de ocupação dessa nova Barra é idêntico ao de Copacabana. Qual é o modelo? Grandes investidores - capital privado - compram terras em um projeto muito claro de longo prazo. No caso de Copacabana temos a família Duvivier, que comprou terras e aí a partir disso começou a chamar a prefeitura e a mostrar que ali era um vetor de crescimento da cidade porque o Centro estava esgotado, precisava de um novo lugar. Ele tinha terras ali, então ele apostou. Era uma articulação muito clara entre poder público e privado, mas que começa com o investimento privado. E na Barra é a mesma coisa: a gente tem grandes donos de terra, o doutor Carlos Carvalho, da empresa Carvalho Holken, comprou terras nos anos 1970 com um projeto de longo prazo, e numa negociação intensa com a prefeitura e que está tendo seu auge agora com as Olimpíadas, que também foi produto de uma negociação a decisão da sede da Vila Olímpica e da Vila dos Atletas. Então é claro que isso vai se expandindo para a Zona Oeste, nesse modelo de parceria entre público e privado, mas com a primazia do poder privado, do capital privado, e a especulação imobiliária é realmente o que dá o tom dessa urbanização. Então é uma coisa grave que tem mais de 100 anos de história. E hoje em dia tem outro componente que não tinha naquele momento, que são as milícias. A região dessa nova Barra é muito marcada pela presença de milícias, então a gente tem uma negociação intensa e tensa entre poder privado, poder público e milícias que a gente vem vendo. E enfim, remoções, remoções silenciadas, umas com mais resistência, outras menos. E aí tem alguns projetos de habitação para as pessoas removidas, mas a gente sabe que isso não contempla todos e que em 5 anos quando eles puderem vender, a especulação imobiliária vai tirar essas pessoas de lá. São condomínios com piscina, com segurança, e que essas pessoas provavelmente não vão ter como pagar a taxa do condomínio, que vai ser alta. Por enquanto a prefeitura está subsidiando, mas obviamente depois das Olimpíadas o subsídio acaba. Então é um processo muito cruel de reprodução do mesmo modelo de desigualdade espacial.

Agora você falou que acabou no Recreio. Outro dia eu passei pelo Recreio e fui em direção a Pedra de Guaratiba, Santa Cruz, e a marcha continua... A quantidade de construções é impressionante. E eu quero entender justamente, da mesma forma com que eu fiz com Copacabana, quem está indo morar, e esperando o que? Qual o "cacife" que vem se associando a isso. O Rio de janeiro agora está crescendo para aquele lado, e crescendo no mesmo modelo. É a mesma ideia. Quando eu conversei com o doutor Carlos Carvalho ele tem uma frase impressionante que é: "A Zona Sul não teve seu encontro com o futuro. Aquilo esgotou, é um modelo esgotado. O futuro agora é a Barra, então é pra lá que a gente vai.". O que é exatamente o mesmo discurso da venda de Copacabana. Então é um modelo que se reproduz mesmo . E é triste, né. A gente fica aqui tentando, tem gente que vai e estuda, que milita, gente que resiste de várias formas. Por enquanto a gente está perdendo. Vamos ver.

**Revista Habitus:** *Gostariamos de saber mais também sobre as técnicas do corpo nessas relações, principalmente em Copacabana, um ambiente de praia. Tem uma parte do seu livro que você trata da  construção da mulher copacabanense, carioca - e logo brasileira. Do surgimento do maiô, das leis que proibiam a utilização de roupas de praia pelas ruas próximas a faixa costeira. Como a mulher se insere nessa produção do corpo no século XX?*

**Julia O’Donnell:** A mulher década de 1920 e 1930 passa a ser realmente o foco maior, a maior expressão da construção desse novo modelo de civilidade, civilização e de modernidade. Tem uma matéria no Beira-Mar que trata a praia, para o Rio de janeiro, tem a mesma importância que o Olimpo tinha para a Grécia. E o que é o Olimpo? É o lugar que marca, que funda aquela civilização. Que reune ali todos os valores, todas as qualidade daquela civilização específica. E a praia é isso. Então é o lugar da nova elegância, da nova modernidade, dos novos hábitos saudáveis que era tomar banho de mar, tomar sol, *o footing* no calçadão. Os novos hábitos elegantes e de saúde que claro, se misturam. E o corpo feminino se insere nessa produção. E claro que a gente não pode esquecer o momento especifico que tratamos aqui. Um momento em que os filmes de Hollywood começam a chegar com muita força. Então também tem aquele modelo do corpo norte americano, que já tinha essa adesão nos Estados Unidos ao uso da praia como espaço de lazer e de construção de saúde, de um discurso de saúde. E paralelamente a isso também, um movimento no Brasil que depois ficou conhecido como Modernismo, que era a valorização das características nacionais, num discurso de valorização da mestiçagem, que depois veio a se consolidar dentro da literatura mais tarde em 1933 com a publicação de "Casa Grande e Senzala". É todo um movimento de valorização do nacional.

Então a praia é o espaço perfeito pra isso, porque junta a elegância, e a cor morena - que não é o moreno do negro, mas é um moreno saudável, que ja não é aquele branco pálido europeu. É a produção do corpo saudável como marca também de elegância e civilização. Depois o nazismo vai retomar isso de uma maneira muito clara. A relação entre corpo saudável, moldado. Ou seja, entre saúde e civilização vitoriosa. Então é muito interessante que começa a se criar a ideia, e hoje isso ainda é muito forte aqui, de se olhar para uma pessoa e você saber se ela é da Zona Sul ou se ela é do subúrbio. Então ela tem um corpo determinado, uma cor determinada, uma forma de andar, enfim. Uma construção de si específica muito clara para retratar a que mundo social e espacial ela pertence. E a mulher vira o receptáculo maior de todas essas expectativas, de todos esses valores. É no desfile do corpo feminino que isso vai aparecer de forma mais clara.

Joao da Praia em uma  crônica de 1924, ele fala que no subúrbio todo dia abre uma nova farmácia, enquanto em Ccopacabana todo dia abre uma nova perfumaria. Por que? Porque as pessoas que moram na Zona Sul são mais saudáveis e tem um maior cuidado de si, são mais cheirosas, mais elegantes. E começam a aparecer muitos artigos sobre dieta, corpos magros, que era uma coisa que não tinha antes, e que é super interessante. Não foi o foco principal da minha pesquisa, mas eu adoraria fazer uma pesquisa mais aprofundada sobre isso. Mas eu me deparei com isso o tempo todo. A Mirian Goldenberg tem trabalhos bem interessantes sobre essa questão da construção do corpo. E é uma coisa que a gente vê ate hoje né. Até nos postos. Quando eu vim pra cá eu aprendi que no posto 10 era dos malhados, enfim... Tem toda uma divisão de corpos na praia também.

**Revista Habitus:** *Pensando um pouco nessa questão da  Copacabana como exportação, como um Brasil bem sucedido... Como a Bossa Nova serviu para criar um modelo musical, estético, cultural para exportação dessa Copacabana, Ipanema, Leblon, típica ideal do Brasil? Da mistura do samba, do jazz do sul dos Estado Unidos. Como funcionou essa fusão? Que tem sua territorialidade no Beco das Garrafas.*

**Julia O’Donnell:** O que é interessante é que Copacabana tenta dar essa marca de brasilidade, mas também muito pautada especialmente pela cultura norte americana. Então essa ideia de civilização era muito pautada nos modelos estrangeiros. Juntar o que há de melhor no Brasil com que há de melhor no mundo "civilizado". Então nos anos 1940, que são o auge dessa Copacabana elegante e cosmopolita, a música que mais tocava nas boates na década de 1940 ressaltava esse momento de Copacabana como centro absoluto da vida noturna brasileira, onde todos os grandes artistas de rádio cantam, se apresentam, onde quem tem dinheiro passa as noites nas famosas boates. E o ritmo mais conhecido era o samba-canção que era uma mistura de influencias do Samba carioca com o Bolero, algumas influencias também latino-americanas e também do Jazz americano. Mas era uma música bastante melancólica, romântica, que era muito adequada aquela atmosfera no ar, aquela coisa meio *noir*. Então é muito interessante porque a decadência de Copacabana, ou seja, a mudança do perfil social de Copacabana ao longo da década de 1950 - decadência é claro sob o ponto de vista hegemônico, das elites que primeiro ocuparam e começaram a sair de Copacabana justamente porque achavam que a exclusividade, que era a pedra de totem do projeto, tinha se perdido e começaram a ir pra Ipanema. Então é interessante que o samba-canção começa a sair de moda justamente nesse momento em que a elegância começa a se deslocar de Copacabana para Ipanema. Então a Bossa Nova nasce em Copacabana, no Beco das Garrafas, mas é uma Copacabana Posto 6, com um pé em Ipanema. Então a Bossa Nova é uma leitura desse Samba misturado com o Jazz, é uma música muito mais jovem, muito mais solar do que aquela melancolia do samba-canção, e o símbolo máximo é a música "Garota de Ipanema", e não "Garota de Copacabana". A ascenção da Bossa Nova marca uma nova juventude que não é mais aquela juventude de Copacabana dos pais, daquele modelo de cosmopolitismo, daquele modelo de elegância. É uma juventude que faz outra leitura dessa brasilidade. As influências não são mais as mesmas. Os Estado Unidos chegam mais fortes como influencia que na geração anterior, que já era bastante forte. E aí a Bossa Nova marca esse deslocamento físico de Copacabana para Ipanema. Então ela realmente começa em Copacabana, mas a grande marca da Bossa nova é Ipanema, Tom e Vinicius bebendo chopp e vendo a garota de Ipanema passar. Então é superinteressante mesmo a gente perceber. E a Bossa Nova é um ótimo exemplo, como os movimentos culturais, são profundamente ancorados em espaços. Que essas duas coisas não são separadas. Georg Simmel fala muito sobre isso. O espaço não existe, o que existe é o ato de preencher um espaço. E a gente sempre preenche o espaço culturalmente, socialmente. E a Bossa Nova é um exemplo muito claro, é o fim de Copacabana, tanto em termos históricos quanto geográficos, é o fim de Copacabana mesmo, o Posto 6. Enfim, a partir da década de 60 Copacabana entra naquele momento descrito por Gilberto Velho e Ipanema passa a ser símbolo de status.

E o símbolo maior de Copacabana, no mundo cultural e que era o modelo exportação, era "a princesinha do mar". Então vem muito essa ideia da "princesa", que os *cilenses****[1]*** se chamavam de aristocratas; eles eram uma aristocracia praiana, apesar de não serem nobres, era uma aristocracia em termos simbólicos, de status. E a "princesinha do mar" era uma ideia um pouco casta, uma jovem romantizada, num cenário natural idílico. Os símbolos da urbanidade não estão dados ali, ainda remetem a uma Copacabana bucólica, ainda é o mar, as areias, tão cheias de luz, a vida natural que tá sendo destacada. "A Garota de Ipanema" não, ela é muito mais moderna nesse sentido, ela é jovem, pra frente, ela claramente tem sensualidade, não é mais a aristocracia que dá status, mas justamente a atitude dela. Ela não usa maiô, usa biquíni. Então é um outro modelo de mulher que combina com essa Ipanema, que é a nova modernidade, não mais aquela coisa antiga, casta, com ares pretensamente aristocráticos de Copacabana. Então é uma transformação no modelo de status.

**Revista Habitus:** *No final do seu livro você coloca a questão das taiobas, que eram os bondes de segunda classe, que levavam a classe trabalhadora e os suburbanos até a praia de Copacabana. Em um documentário chamado "Os pobres vão à praia" produzido pela Rede Manchete em 1989, o média metragem retrata um dia de suburbanos na praia de Copacabana, durante um domingo. E nesse documentário uma mulher, moradora de Copacabana, que está sendo entrevistada na praia da Barra da Tijuca, reproduz um discurso que trata os “de fora” como: "Aquela gente feia e pobre vai pra praia e faz uma farofada, isso pra mim não gente, não é nem brasileiro, é sub-raça". E é curioso que seu livro trata de um espaço temporal bem definido, entre o final do século XIX e começo do século XX. Por que a história se repete tanto no Rio de Janeiro? Por que temos essa repetição dos mesmos discursos, das mesmas práticas?*

**Julia O’Donnell:** É uma sociedade profundamente desigual. Claro que é uma vantagem a gente ter esse espaço democrático da praia, mas é também um espaço muito cruel nesse sentido. Porque a convivência se torna obrigatória, ninguém vai abrir mão de ir para a praia. Então essa convivência deixa em carne viva essa desigualdade que a gente muito "cordialmente"- no sentido do Sergio Buarque de Hollanda-, consegue esconder no nosso dia-a-dia de maneiras diferentes. O Rio é uma cidade profundamente marcada pela escravidão, por um modelo patriarcal de relação -e que vem se reproduzindo-, e é muito clara essa mistura promíscua entre público e privado, que Sergio Buarque de Hollanda em 1936 descreveu tão bem e que marca a nossa vida até hoje, e que o espaço da praia evidencia porque é o momento em que as pessoas são obrigadas a lidar com o outro. E ao ser obrigado a lidar com o outro essas coisas que nós brasileiros conseguimos maquiar no dia-a-dia sob forma de cordialidade, de uma certa condescendência que você vê em relações domésticas, de trabalho e em varias instancias. Na praia isso fica evidente. E é muito interessante a taioba porque a imagem é justamente essa. As fotos das taiobas no livro retratam muito bem isso. Os "maltrapilhos" com uma postura de "vamos invadir", que é muito a postura de meninos que vao se divertir na praia. E tem uma crônica de 1928, que eu coloco no livro, que é o momento que a praia começa a se popularizar, ou seja, o projeto deles claramente deu certo, eles conseguem provar pra todo mundo que o legal, o elegante, o chique é estar na praia. E então claro, todo mundo quer ser elegante e chique. E numa crônica que saiu no Beira-Mar, eles colocam uma frase que é assim: "É ótimo que a praia seja democrática, mas a gente tem que separar o joio do trigo. Porque não dá para um diplomata ficar sentado ao lado do cozinheiro. Isso está parecendo uma praia de focas e não de pessoas elegantes." E é exatamente o discurso de hoje: "A praia é democrática, mas alto lá, tudo tem limite, né." Então a farofa incomoda, mas o vôlei de praia é tranquilo. O jogo de altinho pode cair na cabeça, tudo bem, é super civilizado. Mas ouvir funk é um absurdo... "Dessa gente que não tem cacife pra ir à praia em Ipanema." São marcas de uma desigualdade que de fato não caminhou. A gente vê isso em várias dimensões.

**Revista Habitus:** *Partindo do seu livro: essa desigualdade se aprofundou, se manteve ou diminuiu?*

**Julia O’Donnell:** Ela se manteve. Mas é claro que se a gente pegar dados sociológicos, provavelmente a gente vai ver índices de alfabetização, ingresso em universidade nos anos recentes. Em dados macrosociológicos, eu não tenho eles aqui, mas tenderiam a dizer que diminuiu.

**Revista Habitus:** *Porque as vezes os números não mostram como se dá a sociabilidade. Nesse momento parece que vivemos uma dicotomia muito grande, e os discursos de diferenciação entre* "*eu x eles*" *tendem a aprofundar os preconceitos.*

**Julia O’Donnell:** É uma dialética na verdade. Por um lado a gente tem realmente, apesar do quadro de desigualdade econômica ser enorme, um momento de crescimento econômico das classes baixas. O ingresso de muita gente que era considerada das classes baixas nas classes médias. E isso faz, é claro, pessoas que não estavam acostumadas a viver com os outros estratos sociais terem que conviver. Vide o caso da professora da PUC, que postou em seu *Facebook,* sobre alguém estar de chinelos no saguão do aeroporto : "Isso aqui não é rodoviária". Isso obriga pessoas que não conviviam a conviver. A cordialidade não dá conta desse confronto, e aí aparece esse esqueleto profundamente desigual, sai pra fora e fica em carne viva mesmo. É muito aflitivo nós como cientistas sociais vermos as coisas se reproduzindo século atrás século.

**Revista Habitus:** *O Rio é uma cidade marcada por remoções, pela violência das mesmas. Pensando na cidade como um todo e não só Copacabana, como a favelização e as desocupações fizeram surgir esse carioca? Como esse choque se dá?*

**Julia O’Donnell:** É interessante porque o carioca tem um discurso muito orgulhoso, positivo, de que convive todo mundo bem. Na praia, na futebol, todo mundo se entende. Por mais que não goste da favela, sempre abaixa-se o preço do imóvel quando tem vista para a "comunidade", onde os cariocas gostam de dizer muito que: "Aqui no Rio é tudo muito misturado, favela e asfalto". Mas questões recentes mostram que isso se reproduz de maneira cada vez mais perversa. Como é a integração que a UPP promoveu? Que integração é essa? Jovens pagam 100 reais para ir em uma festa que só tem gente branca, do asfalto;  e os únicos moradores da favela que estão na festa são os que estão vendendo bebida. Então esse discurso da  "integração" precisa ser desnaturalizado. Porque a integração de fato não acontece. Ela pode até acontecer em termos espaciais, mas não em termos sociais. É uma falta de integração que se traduz em preconceito e em violência como a gente tem visto. Violência contra diversos grupos. Esse discurso do "nós e eles" tem se acirrado com essa aproximação, que não é uma aproximação de fato. Então uma das coisas que eu venho vivendo hoje em dia, eu moro no bairro de São Conrado, e tem um antagonismo muito forte da Associação dos Moradores de São Conrado, a AMASCO, com a Rocinha. Existem diversas cartas em que os moradores de São Conrado relatam: "Nós, moradores de São Conrado", porque os moradores da Rocinha não são considerados moradores de São Conrado. O jeito de fala é muito importante. Então a pouco tempo, por exemplo, em função da ideia de construção do teleférico na Rocinha, algumas casas teriam ou terão de ser removidas, e a EMOP - a empresa de obras públicas do Estado-, construiria um conjunto habitacional para colocar as pessoas removidas em função da construção do teleférico. Esse prédio, claro, não pode ser construído dentro da Rocinha por falta de espaço, é um prédio legal, então não vai ser construído em um lugar ilegal. E lugar legal é no asfalto, então havia duas opções: na entrada da Rocinha, mas no asfalto, para a construção desse prédio. E houve uma reação violenta da AMASCO dizendo que isso era absurdo porque desvalorizaria os seus imóveis, porque seria "trazer a Rocinha mais perto de São Conrado."

E é nisso que eu acho que História é fundamental. Por que? Vou dar o caso de Copacabana. Muito antes de ter qualquer terreno comprado por alguém em Copacabana, o Morro da Babilônia já estava lá. Existem reportagens de 1901 que citam os moradores no Morro da Babilônia, ou seja, essa ocupação residencial do morro é muito anterior à ocupação do bairro de Copacabana. Na Rocinha idem. Não existia absolutamente nenhuma residência em São Conrado quando a gente tem o registro das primeiras construções na Rocinha. Qual é o discurso? É o discurso da legitimidade. "Eles não são de São Conrado. Eles não podem vir morar aqui perto porque eles não tem legitimidade pra fazer parte desse bairro.". Não "cacife", mas é um cacife travestido do discurso da legitimidade. E a História é muito importante pra isso. Vamos discutir legitimidade, mas quais são os critérios? A antiguidade? O que é? Então é fundamental para discutirmos essas formas de integração. Porque integração, sinceramente, eu não vejo. A raiz da desigualdade é muito profunda. Isso é uma violência simbólica que claro, se traduz em uma violência concreta. Porque se de fato a AMASCO conseguir vetar a construção desses edifícios, para onde vão essas pessoas? Para bem longe daqui. E por outro lado todo mundo adora ter empregada doméstica que mora na Rocinha, porque paga uma condução só. Isso é uma coisa que a gente vê desde a década de 1920, os moradores de Copacabana reclamando do Tabajaras: "A gente precisa resolver isso porque essa favela aqui não dá, mas também não dá pra ficar sem os trabalhadores." Então a solução que os copacabanenses encontraram no período era, veja bem, construir moradias populares no Leblon, que ainda não estava ocupado, ainda não era o Leblon que é hoje. Então era um jeito de manter os trabalhadores próximos, porém fora de vista e em uma residência mais aprazível ao olhar. Então essa relação do asfalto com a favela tem ótimos trabalhos, mas tem que ter mais, porque a gente tem que entender o processo de novo dessa relação.

**Revista Habitus** *Por que que esse ódio é tão latente no Rio de Janeiro se nós temos bairros como o Leblon onde – teoricamente - o pobre está justamente ao lado do rico? Essa interação faz com que esse ódio seja mais latente ou não?*

**Julia O’Donnell:** Sim. Tem o trabalho do Roberto DaMatta “Você sabe com quem você está falando?’’ que ele trata disso e eu acho muito interessante para gente pensar. Porque o Brasil tem uma desigualdade de fundo que não é uma desigualdade clara. Não é um apartheid formal, não é uma sociedade de castas como na Índia... É uma desigualdade muito clara, muito estrutural, mas muito silenciosa. Então existe o discurso de: “Não tenho preconceito, não sou racista”, mas temos o elevador de serviço. Então é muito regido com essa ideia de que “cada um tem o seu lugar” e “tem que saber o seu lugar”. “A gente se dá super bem...não tem nenhum problema que a favela seja perto aqui de casa...”. Essa discussão do Roberto DaMatta é muito interessante, de “cada um sabe o seu lugar”. E quando alguém ousa sair do “seu lugar”, leia-se: ir para a praia, frequentar o aeroporto... Aí a autoridade, essa autoridade simbólica, tem que ser explícita. E aí surgem os discursos de :“Você sabe com quem está falando?”, ou então: “Você não tem cacife”. É uma autoridade que tá ali latente, o tempo todo, mas é silenciosa porque “cada um sabe o seu lugar” e quando alguém ousa sair desse lugar acaba aparecendo sob essa forma de violência. E aí esse momento que a gente está vivendo acho que explicita muito isso. O ingresso de pessoas que não tinham acesso à universidade ao mundo universitário, ao mundo profissional... e tudo isso incomoda, pois elas “saem do seu lugar”. É o elevador de serviço, que por lei você não pode obrigar alguém a utilizá-lo. Então é isso, é muito cruel. É uma sociedade que mostra pra todo mundo, o tempo todo, qual é o seu lugar, qual é a sua posição. E a pessoa tem que ser muito forte pra conseguir transgredir o lugar. Na questão das cotas a gente vê muito isso.

**Revista Habitus:** *“Edifício Master” de Eduardo Coutinho parece exemplificar muito bem o que é Copacabana. Pessoas de todos os tipos convivendo no mesmo prédio, praticamente uma Babilônia. Essa construção de Copacabana como uma coisa planejada e planificada deu certo? Esse projeto de Copacabana para esta classe hegemônica deu certo ou não?*

**Julia O’Donnell:** Eles foram absolutamente vitoriosos no projeto deles. Mas eles provaram do próprio veneno. O projeto deles continha o germe da decadência, continha o germe da derrota. Porque eles foram vitoriosos de fato. Copacabana e a Zona Sul viraram os lugares mais desejáveis do Rio de Janeiro. Mas isso trouxe a massificação, pois estamos numa sociedade que permite mobilidade social.

**Revista Habitus:** *Copacabana é um bairro decadente?*

**Julia O’Donnell:** Bom, para os *cilenses* sem dúvida; para os antropólogos, pelo menos em termos antropológicos, não. Mas o que é a decadência? A decadência é um valor. Decadência significa que algo era melhor e ficou pior. Então num discurso hegemônico sim, porque o melhor é ter menos gente, uma vez que o valor principal é o exclusivismo, a diferenciação. Copacabana permite exclusivismo, diferenciação? Não, não permite. Então sob esses termos, nesses parâmetros civilizatórios, sem dúvida Copacabana é decadente. E os moradores que tem esse discurso: “Isso aqui não é mais a mesma coisa”, uma referência a um passado de glória. Então sob esse aspecto sem dúvida; mas decadência é ligada a um valor de modelo de civilização. Agora, Copacabana é incrível. Eu mesma cheguei achando que era o fim morar em Copacabana e agora tudo que eu queria era voltar para lá, eu adoro. E uma pergunta que a gente tem que se fazer é que Copacabana, apesar de tudo isso, continua sendo referência para o Rio de Janeiro. Não tem um turista que venha para cá e não vá para Copacabana. Então é muito interessante isso, e o livro acaba nisso também, em como Copacabana apesar de ter materialmente se afastado daquele ideal, a ancoragem espacial que justificava aquele status não existe mais, mas ainda assim, simbolicamente, Copacabana continua sendo a Copacabana daqueles tempos. E aí que eu acho interessante juntar a História e a Antropologia. Porque os símbolos, os significados não necessariamente estão completamente entranhados no espaço, mas esse “*entranhamento*” não necessita de um compasso absoluto.

**Revista Habitus** *E a questão da prostituição em Copacabana? Quando começa a “fama” de Copacabana como bairro noturno e ligado à prostituição?*

**Julia O’Donnell:** As primeiras referências à Copacabana, ainda na primeira década do século XX, quando ainda havia muita pouca gente morando lá, é sobre um lugar que as pessoas frequentavam à noite. João do Rio tem uma crônica sobre isso de 1904, dizendo que estava muito calor e que as pessoas iam para Copacabana para tomar sucos e se refrescar com a brisa do mar, e já existam alguns quiosques na praia. E também existem muitas referências a um estabelecimento que ficava no Posto 6 que era a casa da madame “Mère Louise”, que era um cabaré. Era um lugar frequentado por homens que vinham da região central, de Botafogo e da Glória para se divertir lá. E era considerado pelos mais moralistas como um antro de perdição. E as primeiras referências à Copacabana já eram ligadas à boemia e à prostituição. Era uma boemia de alto luxo, não era uma boemia qualquer, mas isso é uma questão. E depois, em 1920, os moradores conseguiram fechar esse ambiente, que era distante, discreto, que ninguém seria visto, etc. Depois os primeiros registros que eu encontrei reclamando de prostituição - e aí sim uma prostituição de rua-, remetem a década de 1940. É quando se reclama que a praia está cheia, que tem assaltos. A massificação começa a incomodar os moradores mais antigos, os *cilenses* dali. E a partir dessa década de 1940 é que começa a se criar esse ideário de uma Copacabana boemia, noturna. E claro, o mercado da prostituição se insere nesse meio. E incomodava a moralidade das tradicionais famílias que não podem conviver com isso. E outra coisa que é interessante também são os edifícios, pois a Cinelândia e Copacabana foram os primeiros lugares do Rio a terem arranha-céus. Então se tem um novo modelo de vida. Morar em apartamento passa a ser considerada uma coisa moderna e civilizada.

**Revista Habitus** *Um dado interessante que você coloca no final do seu livro é que já na década de 1940 a maioria das moradias de Copacabana eram de edifícios.*

**Julia O’Donnell:** Sim, isso é realmente impressionante. Se você olhar a foto de 1930 e 1940 é impressionante a verticalização. Antes eram edifícios luxuosos, não muito grandes. E a partir da década de 1950 com o governo JK, baseado na ideia do desenvolvimentismo de cidades como Chicago e Nova Iorque, que se massifica essa verticalização . E os prédios lembravam os cortiços. E existia todo um trabalho da imprensa em mostrar que era elegante morar nesses prédios. E os nomes dos prédios eram sempre “Maison X”, “Palácio de Y”, que era justamente para marcar essa diferença. Essa reportagem que eu comentei antes, da “Copacabana favela de luxo”, que é uma reportagem de 1975 do Jornal do Brasil, exaltava tudo que está acoplado à Zona Sul do Rio: um estilo de vida, um status, que até hoje a gente vê. E atualmente a gente vê um processo muito interessante, que é a de saída das pessoas da Zona Sul, que não podem mais arcar com as despesas dessa região da cidade. E acredito que em dez anos a gente vai poder fazer uma análise interessante. A Zona Sul está mudando, e ela ficou realmente inviável. E a cidade do Rio de Janeiro é uma cidade muito maluca, mas por isso que é boa de estudar. Como diria Lévi-Strauss: é boa para pensar, e a gente está aqui pra fazer isso.

**Revista Habitus:** *Sobre João do Rio: gostaríamos que você falasse um pouco da importância dele pra época, como ele  conseguiu todo esse reconhecimento que ele tinha e de que forma o trabalho dele foi incorporado na sua pesquisa?*

**Julia O’Donnell:** Eu conheci o trabalho do João do Rio pelo Gilberto Velho, foi ele quem me apresentou. E eu fiquei muito encantada com a forma como o João do Rio lidava com a forma urbana. A geração anterior a ele, de Machado de Assis e Olavo Bilac, cresceu no Império. Então havia um estranhamento com a cidade. E o João do Rio já nasceu pouco antes da República; ele era jovem já na República. E num mundo em que a cidade se transformava muito rápido, e também a imprensa se transformava muito rápido. Antigamente, na geração anterior à do João do Rio, quem contribuía para os jornais também trabalhava em outras coisas, não era uma profissão o “ser jornalista”. Então o João do Rio juntou duas coisas: esse olhar muito a vida urbana, de dentro, ele era profundamente urbano. A sua sensibilidade foi formada na vida urbana, e ele também soube captar muito bem esse novo momento do jornalismo. Que era um jornalismo que começava também a se influenciar pelos modelos norte-americanos, do mundo da notícia, do mundo da reportagem, que ele soube incorporar e trazer da França, dos Estados Unidos, da Inglaterra. E ele realmente fez uma nova forma de jornalismo, que era um jornalismo não só de comentário, mas era um jornalismo investigativo, de ir ate os lugares e dizer o que aconteceu. Ir com o carro da polícia à noite para ver o que a polícia ia fazer. Então era descobrir a cidade junto com uma nova forma de escrever sobre a cidade. Então eu acho que a grande sacada dele, que fez virar quem ele foi, foi exatamente isso. Ele sabia traduzir para as pessoas que estavam vivendo nesse processo de transformação o que estava acontecendo. Não de uma forma explicativa, didática – não era isso -, mas ele sabia olhar de uma forma que as pessoas se identificassem. Ele dialogava com as ruas, não só falava sobre as ruas. Então ele conseguiu se aproximar da população de uma forma que nenhum outro autor ou jornalista tinha conseguido até então. As pessoas liam, e ele tinha um ritmo de escrita muito ágil, os textos dele (os mais conhecidos, pois ele tinha vários pseudônimos) possuem uma leitura ágil. Há o momento que vive o cinema, das cenas se passando rápido. Ou seja, ele soube capturar um espírito de época e tratar de temas banais como a reforma na Avenida Central, a prostituição, o problema dos trabalhadores, dos mendigos, das crianças criminosas...vários problemas que vinham surgindo na vida urbana e as pessoas iam conhecendo no seu dia a dia. Ele teve um alcance que nenhum outro autor tinha tido; ele dialogava com pessoas de toda a parte da cidade e foi construindo uma fama que autores com um viés mais erudito, mais afastado das ruas não conseguiram, apesar de serem ótimos autores. Em minha opinião, a grande guinada que o João do Rio operou foi essa: aproximar a Literatura da vida urbana, não só em termos temáticos, mas também em termos estilísticos, de incorporar o ritmo da vida urbana à escrita jornalística. Ele acabou criando um gênero chamado “crônica-reportagem”, que não era uma reportagem como conhecemos hoje, era uma crônica, um pequeno texto que poderia ser verídico ou não. E isso também é muito interessante, pois não importa se era verdade ou não; o que importava era se parecia verossímil. E mesmo que ele não tivesse lá, o que importava era parecer que ele estivesse realmente lá, e isso é o suficiente para os leitores. Ele construiu essa nova forma para as pessoas lerem e pensarem sobre a vida urbana que elas vivenciavam. Isso o tornou extremamente popular, extremamente lido e conhecido. E ao mesmo tempo, extremamente mal visto por um grupo canônico de literatos que via a escrita dele como uma coisa muito rala, muito pouco erudita, muito coloquial... E que era de fato. Ele aos poucos começou a se ressentir disso, apesar de ter essa marca muito colada ao dia a dia, ele também tinha a ambição de ser aceito na Academia Brasileira de Letras, também queria ser reconhecido como um grande escritor, e ao se expor as altas rodas da Literatura ele começou a sofrer muito preconceito por ser gordo, por ser homossexual, por ser mulato. E quando ele se expõe a esse universo, ele começa de fato a ser muito hostilizado. Mas existem outros grandes literatos que eram também mulatos. Em nenhum momento ele assume essa identidade negra como fazem outros autores, pelo contrário. Ele se veste como alguém que quer ser parte da elite e cada vez mais ao longo da carreira ele vai se distanciando das ruas, numa tentativa de ser aceito num certo círculo erudito... Ele vai utilizando mais pó de arroz. E ficando cada vez mais sozinho, e tratando de temas cada vez menos ordinários. Mas de toda forma o enterro dele atrai uma multidão de pessoas, o que deixa muito claro essa fama que ele tinha. E uma coisa muito interessante era que os *chauffeurs* de taxi da cidade inteira, no dia em que ele morreu, ofereciam corridas de graça para as pessoas irem ao enterro dele. Ele de fato dialogava com várias classes sociais que viam nele um representante legítimo daquela cidade. E ele escreve no início da década de 1910, que é um momento em que a Antropologia começa a se construir em torno dessa premissa do “estar lá”, do que Malinowski chamaria de “0bservação participante” começa a ser parte fundamental do Antropólogo, do cientista social. E a Literatura começa a se valer dessas estratégias de referencialidade . Edgar Allan Poe, Charles Dickens começam a descrever o urbano com uma riqueza de detalhes, o que era uma experiência sensorial mesmo. João do Rio não inventou a pólvora, mas aqui, no caso do Rio de Janeiro, ele foi o primeiro autor que trouxe esse frescor da vida urbana para a Literatura, ainda que fosse uma Literatura de jornal, de dia a dia. Pro meu trabalho o que me interessou foi justamente isso: a capacidade que ele tinha de falar sobre a cidade; uma forma que eu vejo como etnográfica. Olhando para as relações, os diálogos, misturando os espaços, conseguindo capturar a formação de uma determinada cultura urbana, ou de várias culturas no Rio de Janeiro naquele momento. E foi isso que me encantou na obra dele. E por isso ele deixou essa marca. Na década de 1920, depois que ele morre, muitos autores começam  a copiar o estilo dele. João da Praia, Benjamin Costallat utilizam o modelo da crônica-reportagem e fazem do “eu estive lá” e “ninguém me contou, eu vi” algo que cria legitimidade. E é algo que começa a ganhar muito valor também na Antropologia. Então ele não é mais um “jornalista de gabinete”, assim como também na Antropologia. Então ele não é mais um “jornalista de gabinete”, assim como também os Antropólogos deixavam para trás a Antropologia de gabinete. Então é uma relação dialética: a sociedade forma a Literatura e a Literatura forma a sociedade; o João do Rio ajudou a construir essa imagem do Rio de Janeiro urbano, da mesma maneira como a cidade construiu a obra dele. 

**NOTAS**

\*Caio Barros e Íria Borges são graduandos em Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro e membros do Comitê Editorial da Revista Habitus.

[1] O termo *cilenses* refere-se aos moradores dos bairros da chamada CIL – Copacabana, Ipanema e Leblon.

Além deles, foi responsável pela transcrição da entrevista Rodolfo Teixeira.